

ORAÇÕES ADJETIVAS EM LÍNGUA PORTUGUESA – UMA ABORDAGEM PANCRÔNICA

*Mariangela Rios de Oliveira**

RESUMO

Análise interpretativa da vinculação oracional adjetiva, segundo o enfoque teórico funcionalista, numa investigação que parte de perspectiva pancrônica, a conjugar o enfoque sincrônico e o diacrônico. Tratamento dessa integração como um *continuum* semântico-sintático, cujos pontos categóricos situam-se, respectivamente, na hipotaxe e na subordinação.

Palavras-chave: Integração adjetiva; *Continuum* oracional; Função atributiva.

Segundo a perspectiva teórica que orienta as pesquisas de nossa comunidade acadêmica no Brasil – Grupo de Estudos *Discurso & Gramática*, a respeito do português em uso no continente americano –, o processo de vinculação oracional configura-se como uma trajetória rumo à crescente integração semântico-sintática dos constituintes aí envolvidos, conforme se encontra em Hopper e Traugott (1993), Givón (1995) e Martelotta *et al.* (1996). Nessa trajetória, orações pouco vinculadas (paratáticas) originariam orações de integração média (hipotáticas), que, por sua vez, derivariam orações mais encaixadas em conteúdo e expressão (subordinadas).

Em nossa atual pesquisa, desenvolvida no Instituto de Letras da UFF e na Faculdade de Letras da UFRJ, estamos dando continuidade à investigação desse *continuum* oracional. Cabe-nos, especificamente, expandir a análise do vínculo oracio-

* Universidade Federal Fluminense.

nal adjetivo, desdobrado em seus distintos níveis de integração. Trata-se, funcionalmente, de testar a hipótese da mudança do domínio da atribuição (mais acessório e desvinculado) para o da definição (mais essencial e integrado).

Abordamos esses níveis numa perspectiva pancrônica, representada pela combinação de dados diacrônicos e sincrônicos, no entendimento de que os fatos lingüísticos tendem ao uniformitarismo (Labov, 1995). Segundo esse postulado, os fenômenos de mudança verificados num determinado espaço de tempo obedecem às mesmas tendências atestadas em outras sincronias da mesma língua, fazendo com que as alterações sejam abordadas segundo certa previsibilidade, certo padrão de regularidade. Assim, para a investigação da trajetória cumprida pelas adjetivas em português, partimos de fontes representativas de distintas sincronias da língua, com ênfase nos estágios em que se encontra esse processo em uso atualmente no Brasil.

Para o trabalho ora apresentado, selecionamos dados dos seguintes *corpora*: **Vita Christi**, tradução portuguesa, de 1495, do original latino, de 1344; **Crônicas de Dom Pedro**, de Fernão Lopes, material editado em 1816 e provavelmente escrito na primeira metade do século XV; **Inquérito D2 – n. 20**, do Projeto NURC/RJ, diálogo gravado nos anos 70; **Corpus Discurso & Gramática – a língua falada e escrita na cidade de Juiz de Fora**, organizado na presente década; e editoriais publicados pelo **Jornal do Brasil** nos meses de agosto a setembro de 1997. Objetivamos, com essas fontes, atender à proposta pancrônica de nossa investigação.

A partir de análise empírica, estamos propondo e testando uma escala de integração de sentido e de forma desse tipo de arranjo sintático, com base em quatro variáveis. Após observação mais acurada dos dados, chegamos à postulação dos seguintes parâmetros de aferição: informatividade do SN atribuído, genericidade da adjetiva, presença de pausa entre o SN atribuído e a adjetiva e inserção de constituintes entre o SN atribuído e a adjetiva ou entre o relativo e a adjetiva. Como se trata tais variáveis de evidência de baixa integração, estamos pontuando cada uma delas com valor 1 (um), em caso de ocorrência, e com valor 0 (zero) quando da não ocorrência.

Desse modo, tentamos expandir a clássica divisão das adjetivas em explicativas e restritivas para um *continuum* de integração com, pelo menos, cinco pontos de aglomeração, do menos para o mais integrado, respectivamente: grau 4 > grau 3 > grau 2 > grau 1 > grau 0. Conforme a orientação teórica adotada, consideramos as estruturas de grau 4 e 3 como estágios de menor vinculação oracional, representativos de modelos da fase inicial da trajetória de vinculação adjetiva, eminentemente hipotática; o grau 2 como espaço intercategorial, intermediário; e os graus 1 e 0 situados já no nível da subordinação, com alto índice de encaixamento.

ENFOQUE PANCRÔNICO

Em português, o termo *mudança* tem a ver com *remoção*, *deslocamento*, *substituição*, *transferência*, enfim, trata-se do desvio de um elemento de um ponto A para um ponto B. Em termos de análise funcional, *mudança* tem sido associada diretamente à teoria da gramaticalização, que representa um processo lingüístico unidirecional em que itens lexicais referem-se progressivamente a valores mais abstratos ou complexos, fixando posição e assumindo funções gramaticais, no nível da sintaxe, da morfologia ou da morfofonologia (Martelotta *et al.*, 1996).

Em língua, *mudança* não significa algo cabal e absoluto; pelo contrário. Por se tratar a gramaticalização de um processo contínuo, composto por diversos estágios, a questão da mudança lingüística reveste-se de grande complexidade, uma vez que todo esse processo recebe influência de uma série de fatores.

Com o desenvolvimento dos estudos de gramaticalização, o conceito de mudança foi redimensionado. Além dos clássicos processos de convencionalização de itens lexicais em gramaticais – a gramaticalização *stricto sensu*, o escopo da gramaticalização passou a incluir a reanálise de padrões discursivos em gramaticais e trajetórias de estruturas já sistematizadas em outras de maior regularização – a gramaticalização *lato sensu*. Assim, a teoria funcionalista apresenta não uma, mas algumas possibilidades de motivação da mudança lingüística.

Hopper (1991) aponta, com base em cinco princípios, os estágios caracterizadores da fase inicial da gramaticalização. Os princípios de Hopper assim se definem resumidamente:

- a) *camadas*: emergência ou coexistência de formas mais antigas e recentes numa determinada sincronia com funções similares;
- b) *divergência*: pares de formas de etimologia comum e de funcionalidade diversa;
- c) *especialização* ou generificação: redução de variantes, com estreitamento de possibilidades combinatórias;
- d) *persistência*: tendência à manutenção de traços lexicais antigos em formas gramaticalizadas, que conduz à polissemia;
- e) *de categorização*: ao se gramaticalizarem, as formas tendem a perder os traços das categorias mais lexicais, ou plenas, e a assumir marcas de categorias secundárias.

Essa flexibilização do conceito de gramaticalização tem feito com que redimensionemos o fator *tempo* na pesquisa funcional. Entendemos que as mudanças ocorridas ao longo da trajetória histórica de uma língua são as mesmas encontradas em cada uma de suas sincronias e as mesmas que tenderão a continuar ocorrendo em fases subseqüentes. Procuramos, assim, superar a clássica dicotomia sausseriana

diacronia x sincronia, no que temos denominado enfoque *pancrônico* da análise funcional. Nessa abordagem, conjugamos a investigação histórica dos fatos lingüísticos à descrição interpretativa sincrônica, numa interação que procura analisar de forma mais global e densa os fenômenos de mudança nas línguas.

Dentre os fatores que nos conduziram à opção pela abordagem pancrônica, citamos, de acordo com Furtado da Cunha *et al.* (1999):

- a) o resgate da diacronia, no entendimento de que interpretações funcionais e tendências *naturais* são mais adequadas à explicitação da mudança lingüística do que o excesso de formalismo, de leis fixas e rígidas;
- b) o aumento do poder explanatório da teoria lingüística;
- c) o destaque do dinamismo da análise lingüística, devido aos fatores de ordem comunicativa ou cognitiva subjacentes ao significado gramatical;
- d) a ênfase da não estabilidade dos sentidos ao longo da trajetória lingüística;
- e) a proposição de generalizações sobre rotas e trajetórias de sentido e de forma, num enfoque translingüístico.

Nessa perspectiva analítica, *tempo* passa a ser considerado como mais um fator, não único, envolvido nas questões de mudança. A seu lado, posicionam-se outros fatores relevantes, como aqueles relativos à esfera cognitiva (processos metafóricos e metonímicos, construção de espaços mentais, saliência perceptual) e à esfera pragmático-comunicativa (frequência de uso, relevância informacional, adequação semântica, tipo de texto, modalidade). Assim, para a análise funcional, a complexidade da mudança lingüística já se configura a partir dessas três dimensões: tempo, cognição e discurso, cujos limites frequentemente são pouco visíveis.

VINCULAÇÃO ORACIONAL ADJETIVA

Conforme preconiza a perspectiva funcional, o conteúdo motiva a expressão, a semântica se reflete na gramática, as formas lingüísticas são resultantes de significados que se cristalizam e ritualizam pelo uso no trato social, de acordo com Haiman (1994). Em termos de sintaxe oracional, a correlação icônica função-forma se evidencia sobretudo na observância dos níveis de encaixamento das orações: do menor ao maior nível de integração. Estabelece-se, nesses termos, o *continuum* crescente, conforme postulam Hopper e Traugott (1993):

parataxe	>	hipotaxe	>	subordinação
- dependente		+ dependente		+ dependente
- encaixada		- encaixada		+ encaixada

Configura-se, assim, um declive unidirecional no sentido de maior vinculação semântico-sintática, em que se acentuam combinatoriamente a dependência de conteúdo e a unidade gramatical.

Em relação às adjetivas, teria havido a derivação funcional *atribuição* > *definição*, acompanhada da derivação estrutural *cláusula explicativa* > *cláusula restritiva*. Essa mudança, que não anula a produtividade da forma originária, seria responsável pela distinção de frequência e de funcionalidade de tais estruturas no estágio atual do português. Teríamos assim uma expressão categórica de origem mais antiga, menos integrada do ponto de vista semântico-sintático – a explicativa; e outra mais recente, derivada daquela, uma organização sintática subordinada ao SN a que se refere e de maior ocorrência – a restritiva. Em meio às duas expressões básicas, estaria situada uma série de construções no trânsito da mudança lingüística, em posição marginal.

A distinção dos domínios funcionais *atribuição* x *definição* corresponde ainda à alternância do papel do relativo nesse processo, do *peso* dessa partícula (Hawkins, 1983). Combinações oracionais de menor elo semântico-sintático tendem a se organizar por intermédio de conectivos *pesados*, mais explícitos e de maior autonomia; já os arranjos de vinculação acentuada utilizam-se de elos *leves*, mais gramaticalizados, menos autônomos do ponto de vista conceitual e formal. Nesse sentido, o chamado *pronomine relativo*, rótulo tradicional que informa sua dupla funcionalidade (refere-se ao antecedente e estabelece conexão), atua conforme o tipo de vinculação estruturada. Nas adjetivas menos integradas, seu papel é basicamente pronominal; nas cláusulas de maior integração, a função relacional prepondera.

Procuramos, assim, tratar o vínculo oracional adjetivo como um gradiente, um *continuum* cujos pontos extremos seriam, respectivamente, as orações menos integradas à principal, ou explicativas, que estariam no nível da hipotaxe, e as mais integradas à principal, ou restritivas, no nível da subordinação. Com tal proposta, esperamos superar a dicotomia *explicação* x *restrição*, observando esses grupos como categorias não-discretas, que possuem um eixo central, em que se situam os traços básicos de cada classe, e pontos intermediários e marginais, nos quais se encontram formas *pouco categóricas*, que fogem ou tangenciam o eixo central, situando-se no trânsito da mudança lingüística. O esquema seguinte representa a categorização referida:

AB

HIPOTAXE SUBORDINAÇÃO >

A proposição das categorias adjetivas assim representadas pode dar conta de um processo contínuo de integração semântico-sintática cumpridor de trajetórias cujos pontos extremos podem se resumir nos seguintes:

HIPOTAXE	—————	> SUBORDINAÇÃO
discurso	—————	> gramática
modo pragmático	—————	> modo sintático
aposição	—————	> encaixamento
explicação	—————	> restrição
elo pronominal	—————	> elo relacional

Esse quadro de complexidade funcional e formal das adjetivas identifica-se com a proposta de Hopper (1991), segundo a qual, nas etapas de gramaticalização, estão previstas contrastiva e complementarmente fases de *persistência* e de *especialização* das expressões lingüísticas. Tal configuração ratifica também a questão da não linearidade da mudança lingüística, justificando a abordagem pancrônica na investigação desse arranjo sintático.

VARIÁVEIS DO *CONTINUUM* ADJETIVO

Na proposta de uma escala de integração das adjetivas, adotamos aquelas variáveis que, no estágio atual de nossas pesquisas, têm se mostrado mais relevantes e produtivas. A ordem de apresentação das mesmas segue a seqüência: em primeiro lugar, as de ordem semântica (variáveis A e B), a seguir, as prosódico-sintáticas (variáveis C e D).

A. *Informatividade do SN antecedente* – Quanto mais indefinido, genérico ou abstrato for o termo que recebe a atribuição, maior a tendência para o uso adjetivo encaixado ou restritivo. A informação veiculada pela adjetiva faz o recorte identificador do SN, num papel fundamental para a especificação do mesmo, portanto, mais integrado formalmente também – valor 0. Já o maior nível de informação do SN tende a tornar mais *dispensável* ou *acessória* a adjetiva, motivando, assim, a hipotaxe explicativa – valor 1.

Em termos formais, observamos que a informatividade maior do SN tende a se relacionar a nome próprio (pessoa, região, instituição), no singular (mais individualizado, portanto), a que se podem acrescentar determinantes (atributo, dêitico, numeral, dentre outros). Por outro lado, a menor informatividade refere-se formalmente a substantivos de significação imprecisa (abstratos, coletivos, indefinidos), não raro no plural (o que reforça a generalização) e desacompanhados de maior determinação (em geral, apenas o artigo os antecede).

Valor 1 (presença de informatividade do SN):

- (1) ... tomemos comêço na *divinal geeraçom de Jesu Cristo*, da qual o evangelista Sam Joan **specialmente fala**, porque... (Vita Christi)
- (2) Camaçari e *Uratu*, onde fica o maior porto baiano, receberão as novas fábricas das coreanas Asia Motors e Hyundai. (Editorial JB)
Valor 0 (ausência de informatividade do SN):
- (3) *Tem alguma coisa que separa a casa da rua?* (Inquerito 20)
- (4) ... os advogados... **que é a minha classe...** são/ é uma classe super desacreditada... entendeu? (Corpus Juiz de Fora)

B. *Genericidade da adjetiva* – Esta variável relaciona-se com a anterior e se refere à menor relevância do conteúdo da oração que funciona como atribuição. Nos casos de hipotaxe – valor 1, mais raros na grande maioria dos *corpora* até o momento pesquisados, a genericidade da adjetiva é maior – a informação é secundária e menos relevante, uma vez que o SN antecedente já se encontra mais recortado e definido. Temos comprovado evidências de motivação discursiva para a baixa informatividade da adjetiva, que tenderia a ocorrer como estratégia de argumentação, de convencimento.

Já na subordinação – valor 0, o significado da adjetiva torna-se mais fundamental e saliente, integrado que está ao conteúdo veiculado pelo termo antecedente, funcionando na compensação da generalidade, abstração ou indefinição do mesmo. Pela alta freqüência com que ocorre tal estrutura, entendemos ser esse o modelo regular e sistemático com que a comunidade lingüística brasileira articula a sintaxe adjetiva. Podemos, portanto, considerá-lo o modo *gramatical* da cláusula adjetiva.

Valor 1 (presença de genericidade da adjetiva):

- (5) *Em começo era o Verbo, scil., em êsse Deus, que de todos e havudo por primeiro princípio necessariamente;* (Vita Christi)
- (6) *Por trás de cada vândalo adolescente existe um responsável que tem de responder por ele.* (Editorial JB)
Valor 0 (ausência de genericidade da adjetiva):
- (7) *Assi como este Dom Pedro era mador de trígosa justiça naqueles que achado era que o mereciam, ...* (Fernão Lopes)
- (8) *O Brasil que recebeu as montadoras nos anos 50 era essencialmente agrícola, com 55% da população vivendo no campo.* (Editorial JB)

A respeito de (8), é interessante notarmos como o encaixamento da adjetiva recorta e se integra ao SN *O Brasil*. Não se trata de atribuição genérica ao país como um todo; mas sim de um território numa época e em condições específicas (**que recebeu as montadoras nos anos 50**). Exemplos como esse, em que se combinam informatividade do SN (menor integração – valor 1) e relevância da adjetiva (maior integração – valor 0), evidenciam a importância do tratamento escalar, da combinação de variáveis, para a análise aqui proposta.

C. *Pausa* – De acordo com a orientação funcionalista, quanto mais unidos no

plano conceitual estiverem dois termos, mais estarão próximos na ordem linear da expressão lingüística. Segundo esse princípio, uma das marcas formais da maior integração semântico-sintática no encaixamento de orações é a proximidade entre as estruturas oracionais envolvidas nesse processo. A pausa, representada na modalidade escrita geralmente pela vírgula, é um fator de *quebra* dessa unidade. Assim, a hipotaxe adjetiva, como organização sintática de menor integração, costuma estar margeada por pausa (valor 1), enquanto a subordinação restritiva, pelo vínculo mais estreito em relação ao SN antecedente, tende a se articular diretamente, sem pausa, numa única seqüência (valor 0).

Os exemplos anteriores confirmam a estreita relação entre presença de pausa e quebra de vínculo. Em (1), (2) e (5), orações em que predominam traços de menor encaixamento, verifica-se a pausa como uma marca estrutural ratificadora da menor integração semântico-sintática. Já nas seqüências (3), (7) e (8), em que prevalece o maior encaixamento, não há pausa, o que confirma a maior proximidade de sentido e forma entre a principal e a adjetiva.

Como estamos propondo tratar as adjetivas como um *continuum* pancrônico de integração, é interessante a observação dos exemplos (4) e (6). No primeiro, a presença de pausa (valor 1) se combina com a pouca informatividade do SN (valor 0). Em (6), ao contrário, a ausência de pausa (valor 0) se articula à genericidade da adjetiva (valor 1). Estruturas como essas são entendidas como não categóricas, em posição marginal, desprovidas dos traços prototípicos da hipotaxe ou da subordinação.

D. *Inserção* – Esta variável refere-se também à questão da proximidade como fator de aferição do nível de vínculo da adjetiva. A presença de inserção (valor 1), assim como a pausa, interfere no processo de integração, comprometendo a subordinação. A ocorrência de termo(s) entre o SN e o relativo ou entre o relativo e a estrutura adjetiva diminui o elo semântico-sintático entre as orações, na medida em que altera a ordem linear que caracteriza o encaixamento prototípico, de cunho mais gramatical, que é substituído por arranjos de natureza discursiva, relativos a questões de ordem macrossintática, como tipo de texto e modalização, por exemplo. A presença formal da inserção representa o acréscimo de informações relacionadas a circunstâncias (de tempo, conformidade, intensidade, etc), a comentários avaliativos, a estratégias de convencimento ou de interação (marcadores conversacionais, operadores discursivos). A inserção causa distanciamento em dois níveis: no semântico, ao tornar o conteúdo da adjetiva menos essencial para o recorte definidor do antecedente; no sintático, ao afastar a adjetiva dos elementos a ela relacionados mais estritamente (SN ou relativo).

O exemplo (9) apresenta inserção de uma informação paralela entre o qual e a adjetiva:

- (9) *Esta foi figurada per a filha del-rei Astiage, o qual, segundo se diz na Stória Escolástica, viu em visom que do ventre de sua filha nascia ua virgem mui fremosa...* (Vita Christi)

Em (10), a inserção do marcador *né?* distancia o SN da adjetiva:

- (10) *... você pode ser útil... ajudando muitas pessoas... principalmente pessoas carentes... né? que hoje tão sofridas aí com... a situação do país...* (Corpus Juiz de Fora)

Tanto em (9) quanto em (10), a presença de inserção, associada à genericidade da adjetiva, concorre para a articulação de uma relação oracional menos vinculada.

ÍNDICE DE INTEGRAÇÃO DAS ADJETIVAS – UMA PROPOSTA

Comentadas as variáveis e atribuídos seus valores correspondes – 1 ou 0, conforme, respectivamente, a presença ou a ausência do traço específico, passamos a apresentar, a título de demonstração, o quadro geral de pontuação, que afere o grau de integração semântico-sintática dessas adjetivas aqui tratadas. Na vertical, situam-se as orações em análise, numeradas conforme são referidas na seção anterior, de 1 a 10; na horizontal, distribuem-se as variáveis também como são tratadas acima, em maiúsculas:

adjetiva	Var. A	Var. B	Var. C	Var. D	GRAU
[1]	1	1	1	0	3
[2]	1	1	1	0	3
[3]	0	0	0	0	0
[4]	0	0	1	0	1
[5]	1	1	1	0	3
[6]	0	1	0	0	1
[7]	0	0	0	0	0
[8]	1	0	0	0	1
[9]	1	1	1	1	4
[10]	0	1	1	1	3

Distribuídas pelo *continuum* de vinculação proposto, teríamos essas orações localizadas nos seguintes pontos de aglomeração:

HIPOTAXE-----					>	SUBORDINAÇÃO				
Grau 4	⇒	Grau 3	⇒	Grau 2	⇒	Grau 1	⇒	Grau 0		
integração		integração		integração		integração		integração		
mínima		baixa		média		alta		máxima		
[9]		[1][2][5][10]				[4][6][8]		[3][7]		

Embora a análise aqui apresentada envolva um conjunto de apenas dez períodos, a observação dos resultados a que chegamos enseja alguns comentários. O primeiro deles diz respeito à natureza escalar da organização oracional em estudo. Ao contrário do que sugere a tradição gramatical, constatamos que as adjetivas não se situam tão absoluta e completamente nas categorias *explicativa* ou *restritiva*, mas distribuem-se numa escala, com graus variados de vinculação à principal.

Por outro lado, o fato de não termos atribuído, nas estruturas aqui analisadas, o grau 2 (integração média), ilustra a tendência a uma certa polarização desse arranjo sintático. Em outras palavras, embora de forma não categórica, as adjetivas tendem a se situar em pontos de integração de maior *visibilidade*: mínima/ baixa ou máxima/ alta, conforme a distribuição aqui apresentada, evitando-se o grau 2, de natureza nitidamente intermediária.

Em termos de regularidade, poderíamos dizer que os graus 1 e 0, respectivamente, integração alta e máxima, são os mais encontrados nos *corpora* com que temos trabalhado, o que confirma ser esse o tipo de vinculação preferencial dentre os usuários do português na América, a forma não-marcada por intermédio da qual se articula a oração adjetiva. Desde a Carta de Caminha, conforme atesta Barreto (1996), verifica-se em território brasileiro a grande ocorrência da subordinação em face da hipotaxe. Ou seja, o modelo regular de uso oracional adjetivo transplantado para o Brasil já seria o de maior vinculação, o ponto de maior integração – a subordinação.

Em termos de frequência, a variável D (presença de inserção) é a mais esporádica, ratificando a proximidade de sentido e de forma dos termos envolvidos nesse processo de vinculação. Há tendência de sua correlação com a variável B – genericidade da adjetiva. Assim, a inserção seria um fator a mais de quebra de vínculo, um ponto acessório na hipotaxe adjetiva.

As variáveis A (informatividade do SN) e B (genericidade da adjetiva) tendem a atuar em conjunto – a presença de uma enseja a presença da outra e vice-versa; a não observância dessa correspondência, em geral, se deve a fatores de ordem discursivo-pragmática, que costumam afetar a subordinação adjetiva.

Os dados apontam ainda para a atuação pancrônica dos processos de vinculação adjetiva. Estruturas oracionais menos integradas, em princípio, representantes de estágios hipoteticamente iniciais de vinculação adjetiva, surgem também na sincronia atual. Nos dados em análise, é atribuído grau 3 (integração baixa) não só para as estruturas [1] e [5], extraídas de *Vita Christi*, como também para as de número [2] e [10], levantadas, respectivamente, de textos escritos e orais da comunidade lingüística brasileira nos anos 90. Em contrapartida, o exemplo [7], colhido em Fernão Lopes, obra representativa de sincronia mais antiga, recebe o grau 0 (integração máxima), à semelhança de [3], estrutura do português em uso atualmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na observação da pancronia que marca o fenômeno da vinculação adjetiva, perguntamo-nos: além da dimensão temporal, que outro fator poderia estar atuando na constante atualização da hipotaxe adjetiva? Se não se trata de questão histórica, o que motivaria esses usos tão atuais correspondentes, segundo o suporte teórico aqui adotado, a estágios mais primários de organização desse arranjo sintático? Por outro lado, como justificar a ocorrência acentuada da subordinação, considerada estágio mais tardio de integração oracional, em obras do português arcaico?

Conforme Votre *et al.* (1998), consideramos que a proposta de gramaticalização entre orações teria validade maior para o momento da gênese, da instauração dos vínculos mais integrados, portanto, mais complexos e marcados nessa fase inicial. A partir daí, sistematizados, ritualizados pela comunidade lingüística, os arranjos mais vinculados passariam a se constituir em formas automatizadas, à disposição dos usuários para a comunicação, tais como os demais, de natureza coordenada ou hipotática. Nesse sentido, a frequência de uso seria um dos principais fatores de automação: quanto mais reiteradas, mais as estruturas se consagram e convencionalizam, menos complexas se tornam tanto para a codificação quanto para a decodificação. Assim hipotetizamos a regularidade da subordinação face à hipotaxe em relação aos arranjos oracionais adjetivos.

Além da frequência de uso, temos observado a influência de um saliente fator na articulação das adjetivas: o componente discursivo, a interferência do contexto pragmático-comunicativo. Kenedy (1999) analisa interpretativamente o vínculo oracional adjetivo, adotando como *corpora* **Vita Christi** e **Fides et Ratio**, a última carta encíclica de João Paulo II, de 1998. O autor conclui que a distinção funcional do uso adjetivo tem a ver com a natureza argumentativa de cada um desses textos. O primeiro, basicamente doutrinário, fala aos *hereses*, com alta frequência de hipotaxe; o didatismo, o tom ralentado motiva a alta frequência das explicativas. Já o segundo tende a maior isenção, utilizando-se de artifícios lingüísticos mais *neutros*, procura aproximar-se dos padrões do texto científico, articulado basicamente por intermédio da subordinação, o modo não-marcado.

De fato, temos observado que os contextos favorecedores de menor integração semântico-sintática das adjetivas são aqueles em que prevalece a marca dissertativo-argumentativa. Para além da dimensão histórica, seqüências de opinião, de defesa de ponto de vista, de convencimento ou de persuasão configuram-se como ambientes propícios à articulação hipotática. Esse tem sido o objetivo atual de nossa pesquisa: investigar a interferência dos fatores discursivos na organização gramatical; verificar como e em que medida motivações pragmático-comunicativas concorrem para a sistematização lingüística e interferem na vinculação oracional adjetiva. Parece que

estamos diante de uma situação de variação desses usos, que se apresentam em maior ou menor integração conforme o contexto discursivo.

ABSTRACT

Interpretive functional analysis of the grammatical integration of adjective clauses from a panchronic perspective with both synchronic and a diachronic dimension. The treatment of this integration as a semantic-syntactic continuum whose categorial limits are hipotaxis and subordination.

Referências bibliográficas

- BARRETO, T. Construções relativas. In: MATTOS E SILVA, R. (Org.). *A carta de Caminha: testemunho lingüístico de 1500*. Salvador: Ed. da UFBA, 1996. p. 149-165.
- FURTADO da CUNHA, M. *et al.* A interação sincronia/diacronia no estudo da sintaxe. D.E.L.T.A. São Paulo, v. 5, n. 1, p. 85-111, 1999.
- GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.
- HAIMAN, J. Ritualization and the development of language. In: *Perspective on grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1994. p. 3-28.
- HAWKINS, J. *Word order universals*. New York: Academic Press, 1983.
- HOPPER, P. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (Org.). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: Benjamins, v. 2, p. 17-36, 1991.
- HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- KENEDY, E. *O papel das orações adjetivas em textos argumentativos*. Niterói: UFF, 1999. (Inédito).
- LABOV, W. *Principles of linguistic change*. v. 1: Internal factors. Cambridge: Blackwell, 1995.
- MARTELOTTA, M. *et al.* (Org.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- VOTRE, S. *et al.* Marcação e iconicidade na gramaticalização de construções complexas. In: *Gragoatá*. Niterói: EDUFF, v. 5, p. 41-59, 1998.